

EDITORIAL

“...*Altíssima quaeque flumina minimo sono labi.*”*

O “eterno Platão, o “divino” Platão... podemos seguir com tais adjetivos a cada vez que queremos escrever algo sobre este filósofo. Diálogos que quanto mais se lê mais se conhece o que não se sabia, sua obra instiga, apesar da capacidade mal colocada de nossos dias para contatar com outra cultura, a grega, no caso. Ao contrário do que pensam os crentes no progresso da “História”, não compreendemos facilmente a reflexão platônica, ela nos é complexa, mas seguimos porque somos médios ou bons amantes da pergunta. Assim, os textos de Platão, que por tantos séculos ficaram na penumbra (só no final da Idade Média eles reapareceram e foram interpretados como “divinos” dada a imensa transcendência que apresentavam – ou imensa profundidade...) mostram-se até hoje difíceis, excessivamente angulares, por vezes diamantinos, por vezes trevosos como o Tártaro nevoento.

Este número 28 da *Hypnos* (e também o próximo número, 29) recolhe estudos sobre Platão, quer de pesquisadores renomados e com décadas de de experiência nos diálogos, quer dos que se iniciam neles.

Conhecidos no meio interpretativo platônico está Luc Brisson com seu artigo sobre “La «matière» et la «nécessité» dans le *Timée* de Platon” (com tradução em português aos que quiserem). Também Francisco Bravo continua sua frutífera pesquisa ao pensar no *cosmos* e *polis*, ponte necessária sempre rica para ser feita. Luis Alberto Fallas mergulha na *sophrosyne* e *cosmos*, e Mirko Scárka expande, por meio do sutilíssimo Gadamer, a questão da ciência e dialética em Aristóteles e Platão. Mauricio Schiavetti e Enrique Muñoz Mickle apresentam seus estudos sobre temas sempre relacionados nos diálogos – amizade e cidade – (e no caso de Muñoz há, ainda, uma aproximação com Rawls).

Ermani Chaves nos favorece com a tradução de uma carta de Nietzsche, pouco lida, onde é comentada a figura de Alcibíades no *Banquete*. Também Ricardo Espinoza trabalha com Nietzsche, que leu Platão até o final de sua vida, como se sabe, e apresenta um belo trabalho sobre Nietzsche e Dioniso:

* “...Quanto mais profundos os rios, menos ruidosa a correnteza.” [antigo provérbio recolhido por Cúrcio Rufo (7,4,13)].

VI afinal, Platão não é só apolíneo. Há, ainda, o artigo cuidadoso de Étienne Helmer que se volta à *República* e à questão da utopia.

Entre os comunicadores, um estudo interessante do *Crátilo*, de Luisa Buarque, um primeiro avanço ao *Górgias* e a persuasão, de Claudiano Avelino, e a explicação de partes do *Fédon* por Hugo F.de Araújo.

Com tal composição, a *Hypnos 28* mostra uma fatia interpretativa das atuais leituras platônicas. Esperemos que seja bom o “recolhimento” dos leitores.

Rachel Gazolla
editora responsável